

CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA
AS TRAGICOMÉDIAS GEORGIANAS DE ELДАР CHENGUELAIA
5 e 12 de junho de 2023

SAMANISHVILIS SESINATSAVALI / 1977
“A Madrasta Samanishvili”

Realização: Eldar Chenguelaia / **Argumento:** Rezo Cheishvili baseado na obra homónima de Davit Klidiashvili / **Câmara:** Lomer Akhvlediani, Yuri Skhirtladze / **Direção de fotografia:** Lomer Akhvlediani, Yuri Skhirtladze / **Direção de arte:** Boris Tskhakaia, Jemal Kukhaleishvili, Naum Furman / **Música:** Gia Kancheli e Jansugh Kakhidze / **Som:** Vladimir Dolidze / **Montagem:** Neli Partsvania/ **Interpretação:** Vasil Kakhniashvili (Bekina), Imeda Kakhiani (Platon), Nodar Chachanidze (Kirile), Venera Neparidze (madrasta), Berta Khapava (Melano), Shota Gabelaia (Aristo)

Produtor: Vaja Basilaia / **Produção:** Georgian Film Studio / Cópia digital (DCP) a cores, versão original com legendas em inglês e legendas eletrónicas em português/ **Duração:** 87 minutos / **Estreia mundial:** 4 de dezembro em 1977, na União Soviética / *Inédito comercialmente em Portugal / Primeira exibição na Cinemateca Portuguesa.*

SAMANISHVILIS SESINATSAVALI é o exemplo perfeito de uma tragicomédia. O argumento é uma adaptação da obra homónima do escritor David Klidiashvili, célebre pelos seus retratos críticos da sociedade georgiana recheados de ironia e humor. Os filmes de Eldar Chenguelaia revelam a mesma capacidade magistral de jogar entre a tragédia e a comédia, combinando-as sempre na medida exata; um talento demonstrado já nos seus primeiros trabalhos, em que o humor e a sátira serviram como arma para fintar a censura, sem abdicar de fazer críticas à política e à ideologia do regime. Em 1965, Chenguelaia realiza a sua primeira adaptação de uma obra de Klidiashvili com o filme MIQELA.

A ação de SAMANISHVILIS SESINATSAVALI desenrola-se algures entre o final do século XIX e o início do século XX, numa zona rural da Geórgia. Os Samanishvili são uma família nobre empobrecida; a sua condição social é apenas revelada quando Platon se apresenta às pessoas que vai encontrando durante a sua viagem, demonstrando como o título aristocrático mais não é que apenas uma etiqueta social. Platon passa os dias a trabalhar no campo, nas pequenas terras que pertencem à família, para sustentar o pai, a mulher e os filhos. A dependência direta da agricultura gera uma relação profunda entre o Homem e o ambiente natural que o circunda. Assim, os elementos naturais que compõem o espaço onde os Samanishvili vivem e trabalham são espelho da pobreza da família - um cenário tipicamente outonal, com as árvores despidas de folhas -, e contrastam com as paisagens mais verdejantes que Platon encontrará durante a sua viagem. A atividade quotidiana da família é inesperadamente perturbada quando Bekina (pai de Platon) revela o seu desejo de voltar a casar-se. A possibilidade de, desse novo relacionamento, surgir mais um herdeiro para uma já escassa herança (os pequenos terrenos que são o único sustento de Platon) gera um conflito familiar que se joga na tensão entre a vontade (e o desejo) individual e a força das condições sociais. A ação move-se em torno do enredo do casamento, mas este acaba por funcionar quase como “pretexto” para um discurso mais amplo sobre as condições socioeconómicas do campesinato (e, em certa medida, mesmo que de maneira mais subtil, sobre uma nobreza em decadência, empobrecida). O casamento representa, simultaneamente, a ameaça

da miséria (para Platon e a sua família) e a esperança de uma vida melhor (para a madrasta e Aristo). Neste cenário miserável, não há espaço para desejos e vontades individuais, a não ser na personagem de Bekina, que parece completamente desligada do seu contexto social. O individualismo do personagem revela-se nos momentos em que este observa o seu reflexo num espelho, como que tomando consciência da sua própria existência enquanto indivíduo e reconhecendo uma vontade que está para além da mera sobrevivência: a possibilidade de ser feliz.

Chenguelaia consegue aligeirar o dramatismo da história com a cómica solução encontrada por Platon e Melano, a sua esposa, para satisfazer Bekina e assegurar o futuro da família: procurar uma mulher duplamente viúva e sem filhos (concluindo dessa combinação um indicador de infertilidade). Platon parte com o seu cunhado Kirile para uma viagem ao estilo de um romance de cavalaria, em busca da madrasta perfeita. Conflituoso e irascível, Kirile, envolve-se em diversos conflitos que criam desvios e atrasos na missão de Platon. Esta jornada, recheada de aventuras e desaventuras, confere ao filme o seu carácter cómico, mas sempre na medida certa; nenhuma luta ou conflito dura mais do que o estritamente necessário. Nesta viagem, revela-se de forma muito evidente a paixão de Chenguelaia pela Geórgia – nestes anos, integrada na então União Soviética -, e a vontade por mostrar a sua cultura e as suas tradições; para além das belíssimas imagens de paisagens naturais e do quotidiano no campo, Chenguelaia mostra também alguns elementos da cultura georgiana: os casamentos, as danças, a música.

SAMANISHVILIS SESINATSAVALI é também um retrato de uma relação entre pai e filho, pautada por sentimentos de traição e arrependimento. Depois da odisseia de Platon, os últimos minutos do filme concentram-se sobre as dinâmicas familiares depois da chegada da madrasta. Após o casamento, o novo casal parte para uma viagem e regressa no inverno (uma vez mais, a natureza como reflexo do comportamento e dos sentimentos humanos) trazendo consigo a fatídica novidade. O drama intensifica-se ganhando contornos mais trágicos à medida que o filme se aproxima do seu final. Numa das cenas mais melodramáticas, durante o jantar, num espaço hermético com um jogo de *chiaroscuro* digno de uma pintura barroca, a potência divina ameaçadora revela-se nas palavras de Platon: “Vocês não temem deus?”. A essência trágica da obra resulta de uma religiosidade que está presente ao longo de todo o filme, manifestada através de um discurso religioso radicado numa profunda crença espiritual: a pobreza, a fertilidade (seja ela humana ou natural), tudo se manifesta segundo a vontade de um deus que não deixa de castigar os pecadores. A esta intensa religiosidade se deve a crença numa total ausência de controlo sobre o mundo: o terror de uma catástrofe que parece estar sempre em eminência. No caso de Platon, a tragédia parece concretizar-se no momento em que, provocatoriamente, Kirile anuncia a sua sentença final, que ecoa como que vinda dos céus, determinada por um deus castigador.

SAMANISHVILIS SESINATSAVALI termina com uma imagem semelhante à que vemos nos primeiros minutos do filme – o terreno onde se encontram as casas da família. Porém, um novo elemento assinala simbolicamente uma mudança na relação entre pai e filho, num diálogo comovente e dramático sobre o perdão e a compaixão.

Sara Oliveira Duarte